



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
Coordenadoria Geral de Pesquisa – CGP
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bloco 06 – Bairro Ininga
Cep: 64049-550 – Teresina-PI – Brasil – Fone (86) 215-5564 – Fone/Fax (86) 215-5560
E-mail: pesquisa@ufpi.br; pesquisa@ufpi.edu.br

A TRADUTIBILIDADE DO CONCEITO GRAMSCIANO REVOLUÇÃO PASSIVA PARA A ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Ygor Rafael Leite Pereira (Bolsista Pibic/UFPI), Dr. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos
(Orientador, Departamento de Ciências Sociais)

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fundamental entender o método da tradutibilidade na utilizado por Gramsci em seus estudos. Como esse filósofo italiano não utilizou diretamente o tema das Relações Internacionais houve uma preocupação de fazer o devido recorte para não existir nenhum tipo de equívoco nesse trabalho.

Dessa forma, durante a elaboração desse trabalho foram utilizados muitos intelectuais que se utilizaram de obra gramsciana para interpretação das relações entre as nações e a construção de interna do capitalismo em sua forma global. Dentre os muitos nomes destacados, o principal deles foi do cientista político inglês Adam Morton que utilizou o tema da revolução passiva na interpretação da dinâmica capitalista no século XXI. Na visão de Morton, utilizar o conceito de revolução passiva como uma expressão da direção política do capital, emblemático em sua pesquisa sobre o *Americanismo* e *fordismo* que serve como modelo para entender o sistema de estados e sua relação com a modernidade capitalista. Essa teoria permite entender tal dinâmica, bem como destaca a contínua relevância do desenvolvimento desigual e combinado como estrutura para sustentação da ordem econômica mundial.

A evolução do capitalismo durante todos os séculos XVIII e XIX pode ser resumida como uma série de revoluções passivas. Pois a forma como se desencadeou esse processo foi por um modelo de exploração de nações “estruturadas” política e militarmente sobre várias colônias em que não havia condições sociais e nem necessidades para formação de um Estado no seu sentido moderno. Devido a esse fato, podemos entender como o período das revoluções passivas, ou seja, o momento em que muitas mudanças ocorriam a todo instante, mas a lógica de exploração continuava a mesma ou até se tornava mais cruel. Como base no pensamento de gramsciano, Morton entendia essa questão de desenvolvimento desigual e combinado desses séculos como uma série de revoluções passivas.

Metodologia

Morton (2010) vai entender que a noção de revolução passiva, associada a uma crítica com perda de consciência, pode ser implantada com “sentido espacial” que revela percepções diferentes sobre a geografia desigual do poder estatal. O grande trabalho consiste em tentar abordar a importância da revolução passiva às alternativas circunstâncias históricas e contemporâneas seria para recuperar e manter o senso espacial da consciência crítica associada com as qualidades transgressiva de revolução passiva com a teoria da viagem.

Há um caráter paradoxal que define a revolução passiva – a unidade entre revolução e restauração, o caráter de uma modernização conservadora, a transformação dentro de certos limites no contexto de aliança entre velhas e novas classes dominantes com a passivização e relativa

incorporação das demandas dos grupos subalternos em contextos de revoluções e guerras. Como consequência teórica de tal definição, segue que a separação da unidade entre restauração e revolução dessa categoria é uma separação apenas metodológica, como vários pares conceituais relevantes que envolvem categorias e análises gramscianas: Estado e sociedade civil, guerra de posição e guerra de movimento, oriente e ocidente, estrutura e superestrutura, nacional e internacional, política e economia, norte e sul da Itália, teoria e prática.

Outro ponto dentro da metodologia é a concepção da revolução passiva como um método de sociologia histórica. Gramsci em seus estudos sobre os moderados e os mazzinianos assumiu a forma de uma sociologia histórica da política, na qual a análise comparada era sobreposta à investigação das bases sociais das diferentes forças políticas, complementando (Bianchi, 2008). Esse método de sociologia histórica fica bem claro a partir do estudo da formação do Estado moderno que era, na visão de Gramsci, o nascimento da própria modernidade.

Resultados e Discussão

Percebemos que enquanto a tradutibilidade, os autores pesquisados apresentam grande proximidade com as ideias gramscianas, contudo há algumas questões que devem ser mais bem esclarecidas. No entendimento de Morton (2007), o autor Alex Callinicos, no texto *“Does Capitalism Need the State System?”*, comete um equívoco ao negligenciar a teoria da revolução passiva, pois destrói parte da exclusividade da distinção radical feita por ele mesmo, em especial, conforme a teoria da revolução passiva apreender a inserção desigual de diferentes territórios no mercado mundial capitalista; a reprodução geográfica de classe e as relações de produção ao longo de escalas espaciais; e a persistência da competição geopolítica em condições de capitalismo global.

Na obra *“Unravelling Gramsci”* (2007), Morton vai desenvolver um longo estudo sobre a relação do conceito de revolução passiva e hegemonia com a economia política global. Nessa obra, o autor inglês vai traçar uma relação entre o desenvolvimento desigual do capitalismo com a formação dos Estados modernos, para isso vai se utilizar da “teoria da revolução passiva”. Mas antes de se chegar a esse ponto, é preciso fazer algumas análises a respeito dos argumentos desenvolvidos nesse trabalho. Morton avalia que Gramsci foi sensível a questão escalar na elaboração dos seus trabalhos, pois previa uma relação entre o “nacional” sendo o ponto de partida para uma compreensão do “internacional”, ou seja, por mais que a Itália fosse o seu objeto de estudo entendia que o movimento de Unificação e formação do Estado Moderno entre outros lugares do mundo tinham um grande vínculo, que era o modo de produção capitalista. Podemos então afirmar que esse método ajudou a entender o capitalismo em sua forma global, ou como o próprio Morton (2007) fala em seu livro a globalização, marca um época histórica que implica não só o aumento do capital transnacional, mas aumenta a constituição de um Estado transnacional.

Conclusão

Devido ao corte feito para a pesquisa, trataremos de organizar só os trabalhos relacionados ao conceito de revolução passiva. Dessa forma, houve uma redução muito grande o material a ser estudado. Dentre os autores estrangeiros, o que mais teve relevância para o estudo foi Adam Morton, pois seus textos seguem uma lógica de interpretar as obras originais escritas por Gramsci e também pelo fato do autor se preocupar com seu método de pesquisa fazendo de seus textos verdadeiras traduções das ideias desse marxista sardo. Isso fica bem claro no momento em que Morton (2007) utiliza a revolução passiva como um método de análise do capitalismo no século XX. Ele entende a “chave da teoria da revolução passiva é o papel constitutivo dado à Geopolítica e ao capitalismo numa metodologia histórica que leva em conta os contextos específicos de formação de Estado” (Morton, 2007).

Referencias

Bianchi, Álvaro. O laboratório de Gramsci – Filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.

Buci-Glucksmann, Christine. Gramsci e o Estado: por uma teoria materialista da filosofia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Carvalho, Maria Alice Rezende de. Uma reflexão sobre a civilização brasileira In: **Viana, Luiz Werneck. A revolução passiva no Brasil: iberismo e americanismo no Brasil,** Rio de Janeiro: Revan, 2004.

Coutinho, Carlos Nelson. **A época neoliberal.** Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=790>

Cox, Robert W.: **“Social forces, states and world orders: beyond international relations theory”**, In: *Millenium: Journal of international Studies*, Vol. 10, No.2, 1981, pp. 126-155. **Del Roio,** Marcos. **A tradução histórica e política de Gramsci para o Brasil**, mimeo, s/d.

_____. **Revolução Passiva e sua tradução para o Brasil**, mimeo, s/d. **Galastri,** Leandro. *Revolução Passiva e Jacobinismo, Filosofia e Educação*, Volume 2, nº1, Abril-Setembro, 2010.

Gramsci, Antônio. **Cadernos do cárcere**, v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Cadernos do cárcere**, v. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Maquiavel, a política e o Estado Moderno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Maciel, David. **Notas sobre revolução passiva e transformismo em Gramsci**. *Historia Revista, Goiânia*, v.11, n.2, p. 273- 299 jul. / dez. 2006.

Morton, Adam David. **A geopolítica do sistema de Estados e o capitalismo global em questão**, In: *Revista de Sociologia e Política*, 29, 2007, pp. 45-62.

_____. **The continuum of passive revolution**, *Capital & Class*, vol. 34(3), 2010, pp. 315-342.

_____. **Unravelling Gramsci: Hegemony and Passive Revolution in the Global Economy**. London: Pluto Press, 2007.

Silva, Marco Antonio de Mendes. **Teoria Crítica em Relações Internacionais**, *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, vol. 27, nº2, julho/dezembro 2005, pp.249-282.

Tschumi, André Vinícius. **Guerra e revolução no pensamento de Gramsci** In: Mezzarobo, Orides (org.). *Gramsci: Estado e Relações Internacionais*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005.

Vianna, Luiz Werneck. **A revolução passiva no Brasil: iberismo e americanismo no Brasil**, Rio de Janeiro: Revan, 2004.

Palavras-chaves: Revolução Passiva. Relações internacionais. Tradução.

